

Brigadeiro Antônio de Sampaio da infância ao ingresso no Exército Imperial

Carlos Roberto Carvalho Daróz*

INTRODUÇÃO

Na historiografia militar brasileira, muito se tem escrito a respeito do Brigadeiro Antônio de Sampaio, o Leão de Tuiuti e patrono da Infantaria do Exército Brasileiro. Obras, estudos, compêndios e palestras que registram os feitos militares e as qualidades do soldado que foi, no meado do século XIX. Mas pouco esforço tem sido dispensado a analisar o Brigadeiro como homem. E é exatamente esse o objetivo do presente artigo: destacar Sampaio, o homem, na primeira parte de sua vida, desde o nascimento até os primeiros anos no Exército Imperial brasileiro.

O ano de 1810 foi pleno de eventos significativos.

Na China, Ching Shih e Chang Pao rendem sua esquadra pirata que pilhava a navegação costeira às forças governamentais chinesas.



Brigadeiro Antônio de Sampaio.

Na Baviera, a realeza convidou os cidadãos de Munique para celebrar o casamento do Príncipe Ludwig da Baviera com a princesa Tera da Saxônia, o que dá origem à primeira edição da *Oktoberfest*.

Em Portugal, o exército de Napoleão, comandado pelo Marechal Massena, e o exército anglo-português, sob a liderança do Duque de Wellington, enfrentam-se na Batalha do Bussaco.

* Major de Artilharia, sócio correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Na América, Colômbia e Chile declararam sua independência do reino da Espanha.

No Brasil, 18.000 angolanos são vendidos como escravos no Rio de Janeiro e é fundada a Biblioteca Nacional. São assinados pela corte portuguesa os tratados de 1810, compreendendo três acordos distintos: Tratado de Comércio e Navegação, Tratado de Amizade e Aliança e o Tratado dos Paquetes.

No sertão do Ceará, no remoto povoado do Tamboril, em 24 de maio, nasce Antônio de Sampaio.

O TAMBORIL DE 1810

Filho do ferreiro Antônio Ferreira de Sampaio e de D. Antônia de Souza Araújo Chaves nasceu na fazenda Vítor, propriedade humilde no povoado do Tamboril. No início do século XIX, Tamboril não era mais que um punhado de propriedades rurais desprovidas de infraestrutura que, somente muitos anos mais tarde, seria elevado à categoria de vila. Situado no vale do rio Acaraú, o povoado distava, em linha reta, cerca de 230 km a sudoeste da capital cearense, Fortaleza.

A família do ferreiro Antônio Ferreira de Sampaio teve oito filhos: cinco homens e três mulheres. Dos filhos varões, o primogênito, Francisco Xavier de Sampaio foi proprietário da fazenda Jiboia, que deu origem ao povoado do mesmo nome; o segundo foi Antônio de Sampaio, brigadeiro do Exército Imperial, que perdeu a vida em decorrência

dos ferimentos recebidos durante a Batalha de Tuiuti; o terceiro, Pedro Araújo Sampaio, viveu na localidade de Canindé. O mais novo chamava-se Manoel Sampaio. Das filhas mulheres, duas foram casadas com os irmãos Calabaça e a terceira com Vitorino Leite.

O MENINO SAMPAIO

O meio no qual nascera – em pleno sertão cearense do início do século XIX – era completamente desprovido de instrução. Sampaio, em sua infância, não teve vida diferente à dos meninos de sua idade no sertão em que nasceu, onde apenas os filhos de fazendeiros com mais recursos eram encaminhados à escola.

A condição econômica modesta, o atraso do lugar e a indiferença paterna sujeitaram o menino Antônio a viver em um ambiente do mais completo obscurantismo no bravio sertão de sua terra natal, onde, na época, não havia o menor vislumbre de progresso ou perspectiva de melhoria de vida.

A respeito das possibilidades dos nativos da região, destaca Carlos Studart Filho.

A pobreza cultural do ambiente e a carência de escolas não permitiram ao jovem sertanejo ir além da instrução primária. [...] Quase inculto, lendo e escrevendo mal, na época, corria o sertão e sentia-se, sem dúvida, capaz de repetir naquele canto perdido da América, os empolgantes, embora inverossímeis, feitos dos paladinos da Távola Redonda e de personagens não menores de outros épicos.¹



Menino vivo e inteligente, passava o tempo com prolongadas e perigosas caminhadas com os garotos de sua idade, moradores na fazenda em que nascera ou nas suas imediações. O chão do Tamboril era palmilhado diariamente, em todas as direções, em busca de aventuras.

O JOVEM SAMPAIO

Em sua adolescência e juventude, como um produto acabado do meio em que vivia e a exemplo de quase todos os de sua geração, o jovem Antônio tornou-se um notório boêmio, violeiro de serenatas, namorador e frequentador assíduo de todas as festas que se realizavam nas redondezas. Os homens do sertão eram dados ao jogo e valentias. Sampaio, não fugindo à regra, também se destacava por ser hábil tanto no jogo quanto na espada e estar sempre pronto para uma luta corporal, na qual, consta que superava seus colegas.

Ao atingir a idade de dezoito anos um dos divertimentos prediletos de Antônio era acompanhar os vaqueiros em andanças pelo sertão metido em seu gibão de couro. Possuía especial habilidade como cavaleiro e na captura das reses.

Em tais circunstâncias, diante do cenário que se abria a seus olhos, o bravo general aprendeu a severidade de que era dotado, qualidade que o tornava mais temido do que simpático para aqueles que com ele tratavam. Sampaio era, sem dúvi-

da, um homem rude.

SAMPAIO NO EXÉRCITO

Sobre a saída de Sampaio do Tamboril e seu ingresso no Exército Imperial existem controvérsias. Uma versão afirma que, após briga em via pública, foi preso e recrutado à força para o exército, procedimento comum na primeira metade do século XIX.

A realidade, no entanto, foi relatada pelo próprio Sampaio, já brigadeiro, anos mais tarde durante a Guerra da Tríplice-Aliança, ao Sargento Oliveira que, por sua condição de conterrâneo cearense, desempenhava o papel de confidente do brigadeiro.

O próprio Sampaio narra a história que o levou a sentar praça no 22º Batalhão de Caçadores de linha:

Quando eu era rapaz, amei muito uma bela e meiga jovem, D. Maria Veras, e o meu amor, ardorosamente, era por ela correspondido. O pai negou-ma em casamento.

A instâncias suas – de minha namorada – raptei-a e andei com ela como quem anda com uma irmã de casa em casa de amigos, na esperança de que o pai se resolvesse a dar permissão para o nosso casamento. Mas ele o que fez foi mandar matar-me pelos Mourões. E eu tive que fugir para sentar praça.²

Assim, contando vinte anos de idade, Sampaio deixou Tamboril e partiu para

o Forte – como era conhecida na época a cidade de Fortaleza – onde se alistou como voluntário no 22º Batalhão de Caçadores de 1ª linha do Exército e sentou praça em 17 de julho de 1830.

Não fora sua saída do sertão provocada pela necessidade de fugir à ameaça do pai de sua amada, provavelmente Sampaio não iria envergar o uniforme do Exército Imperial, pois, como ele mesmo costumava dizer, naquele tempo, excluídas as vocações inatas, as forças armadas eram o corretivo imposto aos desajustados sociais.

A amor nutrido por Maria Veras, no entanto, seria causa de Sampaio, depois de transferido para o Rio de Janeiro, nunca mais voltar ao Ceará. Quando de sua fuga de Tamboril, celebrou com a moça um pacto de amor, no qual ficou acertado que ele voltaria para buscá-la e ela o esperaria para com ele casar-se.

Depois de quatro anos no Exército, já promovido a Alferes e servindo na capital da corte, Sampaio recebeu autorização para retornar à região do Tamboril para casar-se e dar combate aos Mourões, os bandoleiros que haviam sido contratados pelo pai de sua amada para dar cabo de sua vida.

Ao chegar ao Tamboril, no entanto, Sampaio soube que Maria Veras, pouco tempo depois de sua saída, casara-se com um homem a quem não conhecia. Segundo o próprio Sampaio relatou na conversa com o Sargento Oliveira: “[...] para não tomar vingança cruel, voltei para o Rio de Janeiro, ju-

rando que acabara de morrer para o Ceará; que nunca mais voltaria lá ... E o meu juramento não será quebrantado.”³

De fato, Sampaio cumpriu sua palavra e, embora declarasse ostensivamente seu amor pelo Ceará, não voltou mais à sua terra natal.

BATISMO DE FOGO

Alicerçado em sua resistência sertaneja, Sampaio adaptou-se muito bem à vida militar. Alguns meses após ter sentado praça, já era promovido a cabo de esquadra e, logo em seguida, trazia em sua túnica as divisas de furriel.⁴

Em dezembro de 1831 teve início no Ceará um movimento contra a abdicação de D. Pedro I, liderado pelo coronel de milícias Pinto Madeira, cujo foco principal era a cidade de Icó. Com a finalidade de extinguir a rebelião, o Presidente da Província do Ceará despachou parte do efetivo do 22º Batalhão de Caçadores, sob o comando do major Francisco Xavier Torres, no qual seguiu o furriel Antônio de Sampaio.

No dia 4 de abril de 1832, nas ruas de Icó, ocorreu um dos combates mais ferozes já registrados no Ceará e o jovem furriel teve a oportunidade de ter o seu batismo de fogo.

Paulo de Queiroz Duarte relata a participação de Sampaio no combate de Icó:

O combate nas ruas e casario de Icó assumiu feição desesperadora, tendo a duração de seis horas; nessa ação uma força comandada pelo furriel Antônio de Sam-



paio teve saliente ação, conduzida com determinação por seu comandante e se empenhou na luta corpo-a-corpo contra numerosos adversários.

Era o batismo de fogo de Sampaio nessa luta contra seus conterrâneos desavindos, que ele bem conhecia. Portara-se com inaudita bravura, animando seus homens e dando aos mesmos o exemplo de sangue frio e iniciativa no fragor da luta.⁵

O combate de Icó foi um marco na vida de Sampaio e representou, para ele, o início de uma carreira de lutas que iria extrapolar as fronteiras nacionais.

REBELIÃO

Em 1833, um dos primeiros atos da Regência trina, que assumira o governo após a abdicação, foi reduzir e reorganizar o Exército de 1ª linha. No processo de reorganização, foi determinada a extinção do 22º Batalhão de Caçadores de Fortaleza.

No dia 10 de novembro, ao entardecer, irrompeu um motim no seio do batalhão, sob a liderança do major Xavier Torres, que há anos vinha comandando interinamente a unidade e não se conformara com a dispensa do batalhão, sobretudo porque o decreto regencial fora assinado enquanto a tropa ainda se encontrava empenhada em luta contra os rebeldes de Pinto Madeira no sul da província.

Sampaio, ainda furriel e grande amigo do major Xavier Torres, envolveu-se na revolta por puro espírito de lealdade e solidariedade a seu comandante – primeiro chefe que o le-

vara ao combate –, sendo preso na localidade de Canindé quando bebia água em uma cacimba de gado.

Juntamente com os demais companheiros presos, foi conduzido ao Recife para ser julgado. Por ocasião do julgamento, os comerciantes de Fortaleza mobilizaram-se para defender Antônio de Sampaio, pois, durante o motim, o furriel agira com firmeza para impedir que o cadete Marcos de Castro Silva – também rebelado – conduzisse uma onda de saques aos estabelecimentos comerciais da cidade.

Durante os interrogatórios diversos amotinados procuraram negar as acusações, alegando perseguições políticas. O jovem furriel Sampaio, no entanto, não só confessou o que ocorrera na noite de 10 novembro, como relatou tudo, sem comprometer a ninguém. Praça, ainda em começo de carreira, soube aceitar a culpa com dignidade sem lançá-la à cabeça de seus superiores.

O processo da quartelada foi arquivado e os implicados absolvidos. Cabe o registro que o motim de 10 de novembro de 1833 foi a única vez em que Sampaio se rebelou contra o poder constituído, e o fez movido, unicamente, pela lealdade a seu primeiro comandante e amigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Menino nascido em casa humilde, experimentado na dureza do sertão, fisionomia circumspecta de caboclo cearense, pele

curtida de sol, mente ágil e disciplinada, Antônio de Sampaio muito cedo deixou Tambovíl para se alistar em um batalhão de caçadores na cidade de Fortaleza. No Exército, aprendeu depressa o ofício da guerra, preparando-se para um destino que viria a ser construído em campos de batalha. Recebeu o batismo de fogo enfrentando rebeliões nas ruas. Travou combate contra os cabanos, os balaios, os farrapos e os praieiros na pacificação do Pará, Maranhão, Rio Grande do Sul e Pernambuco, além de combater em todas as guerras na região sul do país.

Encerramos a presente exposição citando Eusébio de Souza que, em sua obra, sintetiza as qualidades do homem Antônio de Sampaio:

Sampaio, obedecendo à lei do destino, não fez exceção, antes foi um paradigma dessa raça nordestina, desse povo, exemplo de tenacidade, reconhecidamente inteligente, vontadoso e honesto, altivo e independente. A modéstia, a franqueza, a coragem, a honradez, a jovialidade, eram atributos de sua admirável personalidade. Ascendeu, pelo seu próprio mérito, ao mais alto posto da hierarquia militar. [...] Sampaio não foi militar de postos improvisados. Galgou-os pelo próprio merecimento. Tinha que ser grande. E grande o foi.⁶

E assim foram os primeiros anos da intensa vida de Antônio de Sampaio, o homem cujo destino o levaria a tomar parte em importantes eventos da História do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

BARROSO, Gustavo. *História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000.

DUARTE, Paulo de Queiroz. *Sampaio*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1988.

PILLAR, Olyntho. *Os patronos das forças armadas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

STUDART FILHO, Carlos. *Antônio de Sampaio*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966.

SOUZA, Eusébio. *Sampaio, patrono da infantaria, esboço biográfico*. Fortaleza: Edísio, 1938.

NOTAS

1 STUDART FILHO, Carlos. *Antônio de Sampaio*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966.

2 PILLAR, Olyntho. *Os patronos das forças armadas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

3 PILLAR, Olyntho. *Os patronos das forças armadas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

4 Graduação correspondente a 3º sargento na atualidade.

5 DUARTE, Paulo de Queiroz. *Sampaio*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1988.

6 SOUZA, Eusébio. *Sampaio, patrono da infantaria, esboço biográfico*. Fortaleza: Edísio, 1938.